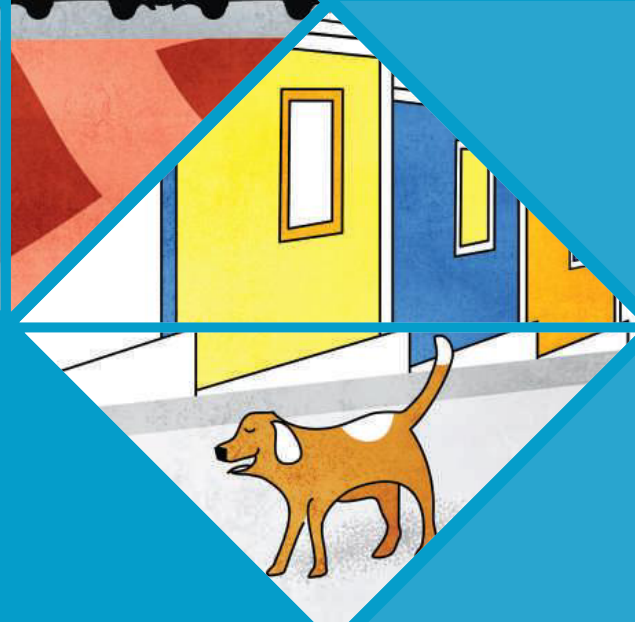
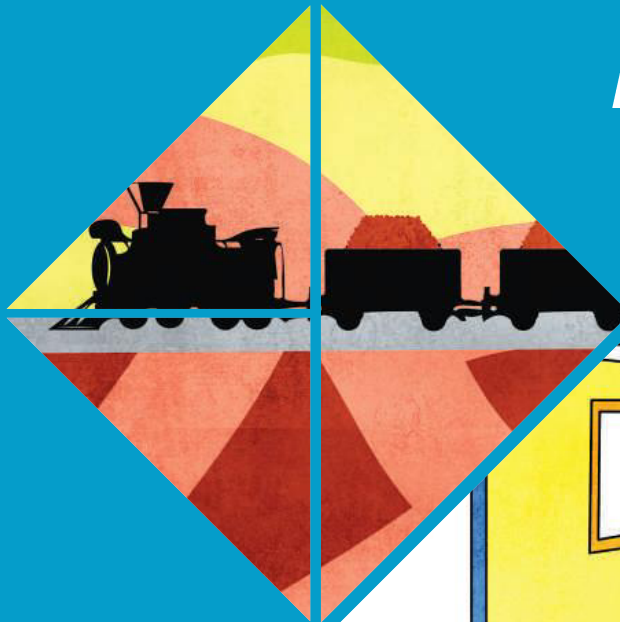


Alguma poesia

de Carlos Drummond de Andrade

por Daniel Moreira



AOL

Análise de Obras Literárias



POLIEDRO
SISTEMA DE ENSINO

EXPEDIENTE



Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2021.
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,
Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Autoria: Daniel Moreira

Direção-geral: Nicolau Arbex Sarkis

Gerência editorial: Emília Noriko Ohno

Coordenação de projeto editorial: Brunna
Mayra Vieira da Conceição

Edição de conteúdo: Mariana Castelo Queiroz
Toledo

Analista editorial: Débora Cristina Guedes

Gerência de design e produção editorial:
Ricardo de Gan Braga

Coordenação de revisão: Renata Ultramari

Revisão: Eliana Marília G. Cesar, Paulo V. Coelho
e Sara de Jesus Santos

Coordenação de arte: Kleber de Messas

Diagramação: Cláudia Carminati

Ilustração: Andrea Ebert

Projeto gráfico e capa: Kleber S. Portela

Coordenação de licenciamento e iconografia:
Leticia Palária de Castro Rocha

Analista de licenciamento: Margarita Veloso
e Souza

Planejamento editorial: Maria Carolina das
Neves Ramos

Coordenação de multimídia: Kleber S. Portela

Gerência de produção gráfica: Guilherme
Brito Silva

Coordenação de produção gráfica: Rodolfo
da Silva Alves

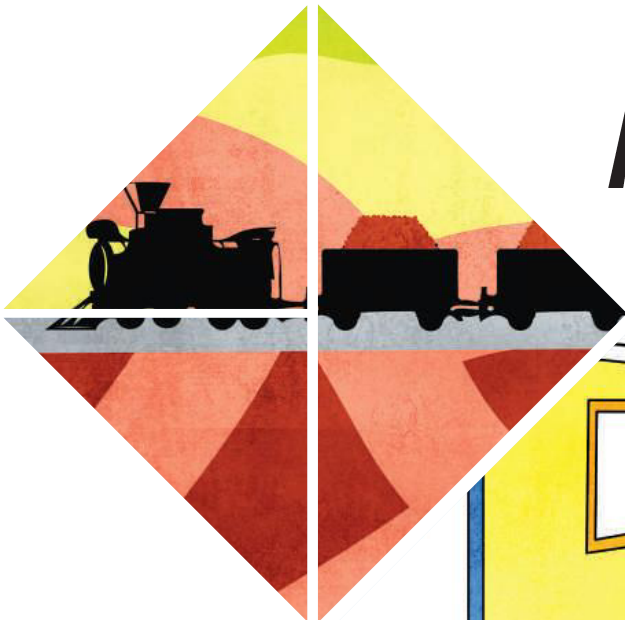
Produção gráfica: Anderson Flávio Correia,
Fernando Antônio Oliveira Arruda, Matheus Luiz
Quinhones Godoy Soares e Vandrê Luis Soares

Impressão e acabamento: PifferPrint

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

Alguma poesia

de Carlos Drummond de Andrade



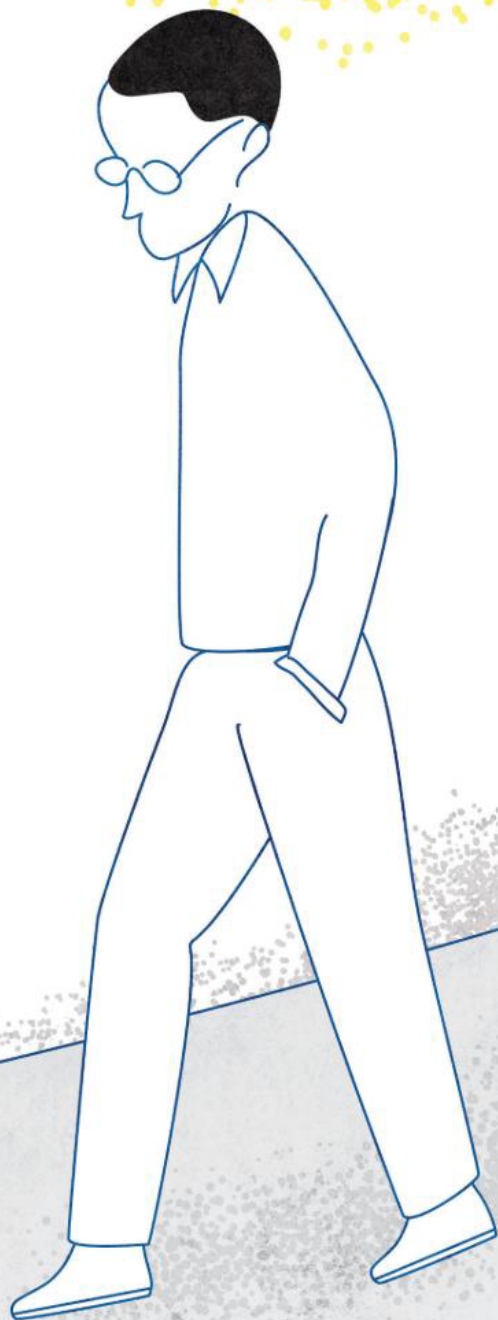
AOL

Análise de Obras Literárias

Alguma poesia

de Carlos Drummond de Andrade





No MEIO do caminho tinha uma pedra

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

Grande poeta modernista, talvez um dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, Carlos Drummond de Andrade abordou em sua poesia temas universais e de extrema importância para o indivíduo do século XX, em um estilo que dialogou tanto com as estéticas modernistas do período quanto com o que havia de mais próprio e pessoal em sua personalidade.

Os trechos da obra reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

INTRODUÇÃO ▼

Alguma poesia é o primeiro livro de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930, ainda no calor da ação dos movimentos modernistas brasileiros. E, se há poetas que negaram seus primeiros livros, esse não é, de modo algum, o caso de Drummond, posto que *Alguma poesia* permanece como porta de entrada para uma das mais importantes obras em língua portuguesa. É certo que a poética de Drummond se modificou ao longo de mais de meio século de produção artística, mas, em sua primeira publicação, ela já aparece em todo o seu fôlego e com as pedras basilares do monumento em que se constituiria mais tarde.

Nesse primeiro conjunto de poemas, podemos encontrar os grandes temas de Drummond e do Modernismo brasileiro. Entre eles, a busca de compreender-se como indivíduo, de entender seu pertencimento a um

mundo complexo e em constante mudança; ou a experimentação com a linguagem, valendo-se de um fino senso de humor que se estende ao amplo emprego de ironia em versos que captam a poesia do cotidiano e que buscam liberdade formal e de ideias; ou, ainda, uma poesia amorosa que foge completamente a sentimentalismos e convenções vazias e desnecessárias, tão frequentes nas estéticas do passado; por fim, um profundo senso de ligação à terra natal – à sua memória e à da sua gente. Além de tudo isso, podemos encontrar nessa obra duas marcas da poesia de Drummond: a percepção dramática ou bem-humorada do desencontro e a visão obsessiva do obstáculo. *Alguma poesia* é o livro em que foram publicados alguns dos poemas antológicos do poeta, como “No meio do caminho”, o “Poema de sete faces”, “Quadrilha”, “Toada do amor”, “Anedota búlgara”, “Cota zero” e “Infância”.

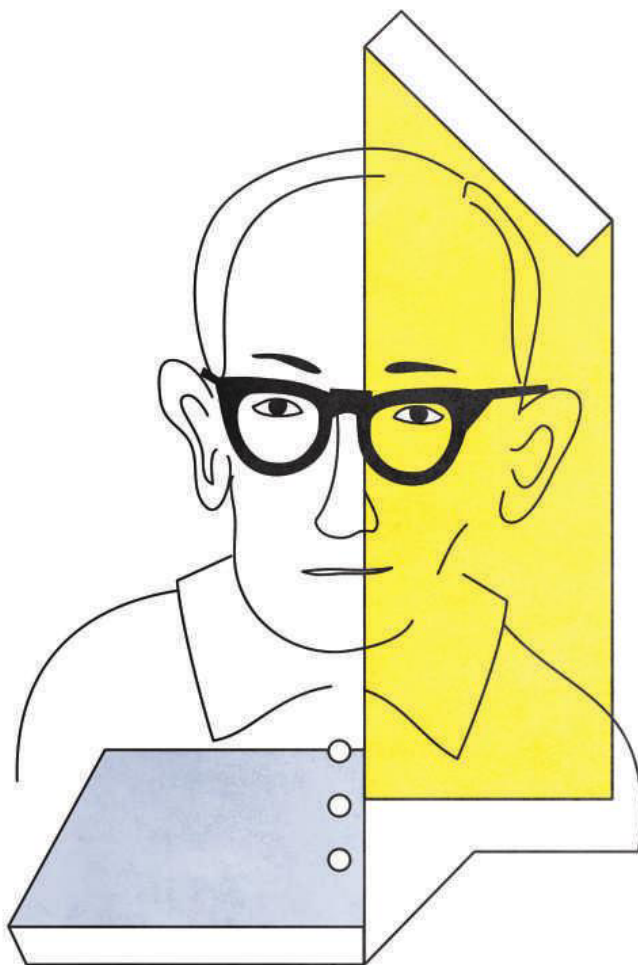


SOBRE O AUTOR ▼

Pequena biografia do autor

Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira do Mato Dentro (Minas Gerais), em 31 de outubro de 1902, nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade. Por volta de 1916, foi aluno do prestigiado Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte e, em 1918, do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, de Nova Friburgo, de onde foi expulso, em 1919, por “insubordinação mental”. Nesses primeiros anos começou a escrever e a receber premiações pelos seus textos, além de travar conhecimento com Afonso Arinos de Melo Franco e Gustavo Capanema. No entanto, foi com o retorno a Belo Horizonte, ocorrido em 1920, que ele pôde ter contato com os grandes nomes da intelectualidade da capital mineira e ainda publicar seus escritos na seção “Sociais” do *Diário de Minas*. Em 1923, Drummond entrou para a Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte, de onde saiu, dois anos depois, com um diploma de farmacêutico – profissão que nunca exerceu para, segundo ele, “preservar a saúde dos outros”.

Em 1924, iniciou correspondência com Manuel Bandeira, por quem demonstrava grande admiração. Também nesse mesmo ano conheceu Blaise Cendrars, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade e Mario de Andrade, grupo que fazia sua famosa viagem de “redescobrimto” do Brasil. A partir de então, começou a trocar correspondências com Mario de Andrade, a quem dedicaria seu primeiro livro. Em 1925, ele fundou, em companhia de Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo, o periódico *A Revista*, importante veículo modernista mineiro que, apesar de ter tido apenas três publicações, exerceu fundamental influência na divulgação das ideias vanguardistas no estado de Minas Gerais. Também em 1925, casou-se com Dolores Dutra de Moraes, com quem teve, em 1927, o filho Carlos Flávio, morto apenas meia hora depois de seu nascimento e, por isso, foi homenageado pelo pai com o poema “O que viveu meia hora”. Em 1928, nasce sua filha Maria Julieta, que se tornaria sua grande companhia ao longo da vida.



Em 1926 assumiu o posto de redator-chefe do *Diário de Minas*, cargo que deixaria apenas em 1929 para tornar-se auxiliar de redação no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado. Em 1928 publicou na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, o poema “No meio do caminho”, que causou enorme escândalo nos meios literários da época e se tornou um dos símbolos da poética de Drummond. Em 1930, publicou *Alguma poesia*, reunião dos versos que havia produzido desde 1925 em uma edição de apenas 500 exemplares, custeada pelo próprio poeta. Ainda em 1930, deu-se também um dos grandes momentos de virada na carreira de Drummond, quando se tornou auxiliar de gabinete do secretário de interior Cristiano Machado, passando, mais tarde, a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema substituiu Machado. A entrada para o serviço público é frequentemente apontada como responsável por dar a Drummond a estabilidade financeira necessária para continuar a se dedicar às letras.

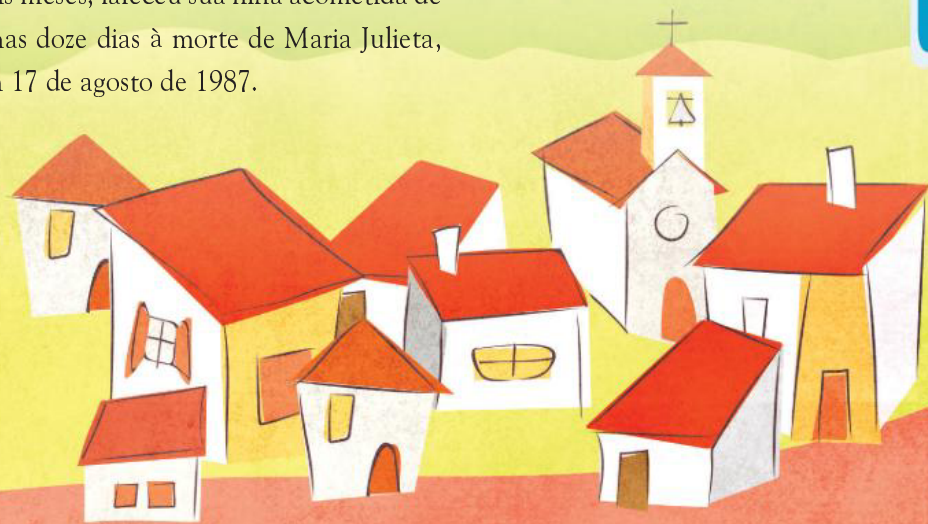
Em 1933, assumiu o cargo de redator de *A Tribuna* e seguiu Gustavo Capanema quando este foi nomeado interventor federal em Minas Gerais. No ano seguinte, tornou-se simultaneamente redator nos periódicos *Minas Gerais*, *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*, transferiu-se com a família para o Rio de Janeiro, então capital do país, e passou a trabalhar como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, nomeado ministro de Educação e Saúde Pública. Ainda em 1934, publicou *Brejo das almas*, seu segundo livro de poemas, em pequena edição de 200 exemplares, custeada pela cooperativa Os Amigos do Livro. Em 1940, veio a público seu terceiro livro, *Sentimento do mundo*, ainda em pequena tiragem de 150 exemplares, distribuídos entre seus amigos mais próximos.

Foi apenas em 1942 que Drummond conseguiu publicar a primeira edição comercial de um de seus livros de poemas, *Poesias*, pela prestigiosa Livraria José Olympio. A partir desse momento, as publicações de seus volumes de poemas e também de suas crônicas, ensaios e traduções se tornaram cada vez mais frequentes e reconhecidas nacional e internacionalmente. Em 1945, Drummond desligou-se do gabinete de Capanema, sem atritos, e, mais tarde, foi chamado por Rodrigo Melo Franco de Andrade para integrar a direção do Departamento de Patrimônio Histórico e



Artístico Nacional, onde se tornou funcionário estável em 1953 e onde permaneceu até 1962, ano em que se aposentou do cargo de chefe de seção após 35 anos de serviço público, tendo recebido até mesmo uma carta de louvor do ministro da educação da época.

Ao longo de sua carreira literária, Carlos Drummond de Andrade recebeu inúmeros prêmios por seus escritos, entre eles é possível destacar o prêmio pelo Conjunto da Obra (1946), o Fernando Chinaglia (1963), Luísa Cláudio de Sousa (1963), o prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários (1974), o prêmio Brasília de Literatura (1975), o prêmio Estácio de Sá (1980), o Morgado Mateus (1980, em Portugal), entre outros. Em 1982, por ocasião dos 80 anos de nascimento do poeta, houve grandes comemorações no país, com exposições na Fundação Casa de Rui Barbosa, na Biblioteca Nacional e com suplementos comemorativos publicados em grande parte dos jornais brasileiros. Em 31 de janeiro de 1987, Drummond escreveu seu último poema, “Elegia a um tucano morto”, que integrou o livro *Farewell*, o último que organizou em vida. Em 5 de agosto do mesmo ano, depois de uma internação de dois meses, faleceu sua filha acometida de um câncer. O poeta sobreviveu apenas doze dias à morte de Maria Julieta, falecendo de problemas cardíacos em 17 de agosto de 1987.



Observação:

Penumbriismo refere-se ao período de transição literária do Simbolismo para o Modernismo. Não se trata de um movimento ou escola literária, e sim de uma designação para abraçar as tendências da produção poética que marcaram esse período. Relacionado à ideia de penumbra, de algo indefinido, remetendo a momentos de reflexões internas, o Penumbriismo se caracteriza por temas cotidianos, envoltos por uma temática de melancolia e morbidez veladas, em um sentimentalismo atenuado que se expressa por versos “mais suaves”. São alguns de seus representantes Olegário Mariano, Ribeiro Couto, Guilherme de Almeida e Mário Pederneiras.

O autor e seu período

Carlos Drummond de Andrade foi, sem sombra de dúvidas, um homem de seu tempo e sua poesia mostra muito bem que ele passou pelos eventos mais significativos do século XX, como as duas grandes guerras, as duas grandes ditaduras que o Brasil viveu, as tensas disputas do período da Guerra Fria, o surgimento de diversos movimentos artísticos de vanguarda, os avanços tecnológicos e sociais da época, entre outros. Especialmente no que se refere ao tempo anterior à publicação de *Alguma poesia*, é importante tratar da relação de Drummond com os movimentos estéticos que, surgidos em fins do século XIX e princípio do século XX, vieram para mudar profundamente as concepções de literatura e de arte em geral.

No Brasil em que nasceu e cresceu Drummond, ainda predominavam, na poesia, os métodos de criação e conceitos do Parnasianismo, do Simbolismo e do Penumbriismo, mas que já haviam sido esgotados e dado seus melhores frutos nos últimos decênios do século anterior. O que restava nas primeiras décadas do século XX eram poetas quase sempre medianos, presos a formas convencionais e a uma linguagem bastante artificial. Na prosa, predominavam os restos de um Realismo naturalista, de cor mundana ou regionalista, que igualmente já haviam dado os seus melhores resultados. Essas vertentes estéticas representavam o gosto e o espírito das classes dominantes brasileiras e eram protegidas por instituições como as academias de letras e as instituições de ensino.

É contra o convencionalismo e a incapacidade dessas antigas formas de criarem literatura e arte que dessem conta das novas realidades sociais e técnicas que vão se insurgir os intelectuais renovadores do Modernismo. Todavia, a marcha das vanguardas no país foi lenta e somente após o fim da Primeira Guerra Mundial foi que se começou a organizar, em São Paulo, algo que se poderia chamar de um movimento cultural de vanguarda. Esse período coincidiu com o aceleração do processo de industrialização do Brasil e da prosperidade paulista gerada pelo comércio do café. É nesse contexto que o país começou a se reavaliar, a questionar suas representações na altura do centenário da Independência. Todo esse ambiente ainda contava com a inspiração do cenário europeu, em que se popularizavam os movimentos de renovação artística, preocupados em exprimir a nova civilização mecanizada que despontava no novo século de cidades cada vez maiores e mais diversas.

A conjugação desses elementos culminou na realização da já histórica Semana de Arte Moderna, ocorrida no Teatro Municipal de São Paulo, entre 11 e 18 de fevereiro de 1922, que contou com nomes de jovens escritores, como Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Mario de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira (não esteve no evento, mas seu

poema “Os sapos” foi declamado para o público) e Ronald de Carvalho, e de outros artistas, como os pintores Emiliano Di Cavalcanti e Anitta Malfatti, o escultor Victor Brecheret e o compositor Heitor Villa-Lobos. A Semana de Arte Moderna se desdobrou em livros de seus participantes, em revistas que divulgaram suas ideias e textos e em outras movimentações pelo país, sobretudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

Em linhas gerais, os modernistas combatiam a solenidade e a mecanicidade das formas fixas do passado, abrindo espaço para a liberdade de criação e para a experimentação estética. Propunham romper com o passado, isto é, com a forma de conceber a arte e a sociedade próprias das escolas então consideradas ultrapassadas, como Parnasianismo, Realismo e Romantismo. Buscavam a independência mental brasileira, alcançada através do abandono da subserviência intelectual à Europa, deixando de lado especialmente as influências portuguesa e francesa. Os modernistas desejavam, ainda, novas formas de representar a realidade, mais de acordo com os avanços técnicos e sociais do mundo em que viviam. Junto a isso, estavam também à procura de uma nova linguagem, que traduzisse melhor aquilo que era caracteristicamente brasileiro e se distanciasse do artificialismo que havia sido a língua literária predominante até então. É assim que passam a ser valorizadas as temáticas do cotidiano em detrimento dos temas grandiloquentes e a linguagem coloquial e o humor em oposição à solenidade falsa e à seriedade afetada.

No limite, essa abertura ao novo representava a aceitação de tudo que fosse brasileiro, da incorporação do vocabulário e da sintaxe nacionais, até então considerados uma forma degenerada do português lusitano. Os temas também deixavam de ser distantes e transplantados da Europa para serem tipicamente nacionais, e, assim, os modernistas se voltavam para o negro e para o indígena a fim de encontrar neles um primitivismo inspirador, tentando não tomá-los mais pelo “bom selvagem” como fizeram autores do passado. Finalmente, o Modernismo significou um

rompimento de limites entre os gêneros: a prosa estava presente na poesia, a poesia na prosa e, ainda, existiam casos em que praticamente não havia mais distinção entre uma coisa e outra, dando vida a novos gêneros intermediários.

Carlos Drummond de Andrade não tomou parte direta nos acontecimentos de fevereiro de 1922, pois, a essa altura, era apenas um jovem de 19 anos que vivia em Belo Horizonte. Entretanto, isso não impediu que ele bebesse largamente da fonte dos principais autores do período e que comungasse de seus princípios estéticos, especialmente nos anos subsequentes à Semana de 22. Foi assim que o Modernismo ecoou em Minas Gerais e que Drummond fundou, junto com Martins de Almeida, Gregoriano Canedo e Emílio Moura, o periódico modernista *A Revista*, que a partir de 1925 divulgou as ideias e as composições de vanguarda para dentro do Brasil.

Como mencionado, bastante significativa desse alinhamento estético foi a correspondência que Drummond estabeleceu, a partir dos anos de 1920, com alguns dos principais autores do primeiro momento modernista: Manuel Bandeira e Mario de Andrade. Em 1924, os modernistas de São Paulo organizaram uma caravana em direção às Minas Gerais com o intuito de descobrirem o que realmente seria o Brasil, através do contato com seu interior profundo, revisitando o passado colonial e barroco. Drummond aproveitou-se desse momento para entrar em contato com alguns dos integrantes da caravana.

Um dos frutos intelectuais desse encontro foi a publicação do poema “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, em 1928. Esse poema causou imenso alvoroço, e, por conta dele, Drummond foi ridicularizado e repudiado por muitos, mas adorado por tantos outros, o que o levaria, mais tarde, a dizer que seria possível escrever um livro inteiro apenas com os insultos e elogios que esse seu poema recebeu. Fato é que a imagem de Drummond como o poeta da pedra no caminho, do poema repetitivo, ficou impressa na literatura brasileira.

Alguma poesia, livro que Carlos Drummond de Andrade publicou às próprias custas em 1930, é claramente um livro escrito sob a égide do primeiro movimento modernista; é mais, é um verdadeiro livro programático do movimento, ou seja, uma obra que se compõe de acordo com as linhas gerais de uma corrente estética ou de pensamento. Nele estão presentes, como veremos em detalhe mais adiante, a ironia e o humor que tinham por intuito se contrapor à literatura demasiado séria do passado. Assim, encontramos em *Alguma poesia* os poemas-piada típicos dos modernistas, textos curtos e cheios de humor que foram pensados como uma forma de provocação à poesia tradicional, normalmente muito rígida e circunspecta. Veremos, igualmente, a presença da experimentação linguística, do emprego do coloquialismo e do verso livre, formas de reavaliar e renovar a tradição literária e cultural brasileira. Um desdobramento natural dessa busca por novas formas de dizer e de representar o mundo, a obra drummondiana vai abrir um grande espaço para a metalinguagem, ou seja, para poemas que refletem sobre o próprio fazer poético, algo muito comum no Modernismo.

A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

Obras do autor

Poesia

- *Alguma poesia* (1930)
- *Brejo das almas* (1934)
- *Sentimento do mundo* (1940)
- *José* (1942)
- *A rosa do povo* (1945)
- *Novos poemas* (1948)
- *Claro enigma* (1951)
- *Viola de bolso* (1952)
- *Fazendeiro do ar* (1954)
- *A vida passada a limpo* (1958)
- *Lição de coisas* (1962)
- *Versiprosa* (1967)
- *A falta que ama* (1968)
- *Boitempo I, II e III* (1968, 1973, 1979)
- *As impurezas do branco* (1973)
- *Discurso de primavera* (1977)
- *A paixão medida* (1980)
- *Corpo* (1984)
- *Amar se aprende amando* (1985)
- *Amor natural* (1992, póstumo)
- *Farewell* (1996, póstumo)

Prosa

- *Confissões de Minas* (1944)
- *Contos de aprendiz* (1951)
- *Passeios na ilha* (1952)
- *Fala, amendoeira* (1957)
- *A bolsa e a vida* (1962)
- *Cadeira de balanço* (1966)
- *Caminhos de João Brandão* (1970)
- *O poder ultrajovem* (1972)
- *De notícias e não notícias faz-se a crônica: histórias, diálogos, divagações* (1974)
- *Os dias lindos* (1977)
- *70 historinhas* (1978)
- *Contos plausíveis* (1981)
- *Boca de luar* (1984)
- *O observador no escritório* (1985)
- *Tempo vida poesia* (1986)
- *Moça deitada na grama* (1987)
- *O avesso das coisas* (1987)
- *Autorretrato e outras crônicas* (1989, póstumo)

Infantis

- *O elefante* (1983)
- *História de dois amores* (1985)
- *O pintinho* (1988, póstumo)

Aspectos gerais da produção literária do autor

A obra literária de Carlos Drummond de Andrade é, como se pôde constatar, imensa. Apenas sua poesia, gênero pelo qual se tornou célebre, compreende mais de duas dezenas de livros que disputam entre si em importância e, se é possível assim dizer, em qualidade. Tendo escrito entre os anos de 1920 e o fim dos anos de 1980, é natural que sua obra tenha se modificado ao longo do tempo. Se os primeiros livros estavam comprometidos muito de perto com a estética e as ideias do Modernismo, a partir de 1940 e 1945, por exemplo, com *O sentimento do mundo* e *A rosa do povo*, respectivamente, a poesia de Drummond se torna cada vez mais politizada, sem recair, entretanto, em uma vertente panfletária. O tempo também é responsável por equilibrar e compensar os “exageros” do primeiro momento modernista e, à medida que os anos avançam, Drummond vai exercer seu talento literário empregando formas ligadas ao passado e à tradição, escrevendo, por exemplo, sonetos (forma fixa adotada por inúmeras escolas desde o Renascimento e levada ao seu auge, ou à sua exaustão, pelas estéticas parnasiana e simbolista). Assim, a poesia de Drummond é variada, rica, sempre pronta a apresentar novas facetas; prova disso é que, até mesmo quando se pensou que ela já havia mostrado tudo o que poderia, ela surpreendeu: próximo ao fim da vida, o poeta, conhecido por sua timidez, pela sua circunspeção, dedicou-se à composição de um conjunto de poemas profundamente eróticos, que mais tarde foram publicados sob o título de *O amor natural*.

Resumir os principais pontos de uma obra tão monumental pode parecer um grande desafio, mas o próprio Drummond nos ajudou nessa difícil tarefa. Quando, em 1962, o poeta completou 60 anos de idade, foi convidado por seu editor, José Olympio, a organizar uma *Antologia poética*, com seus melhores poemas publicados até então. Assim, ele decidiu separar seus escritos de acordo com uma lógica própria, e não segundo um possível critério de qualidade ou de fases que se pudessem verificar em seu percurso

poético. No lugar disso, Drummond optou por rastrear em seus poemas já publicados algumas preocupações e tendências que sempre estiveram presentes, nortear seu caminho e definindo sua constituição como obra, como conjunto de textos. Essa forma de ler a poesia drummondiana tem sido bastante utilizada, uma vez que permite um retrato bastante fiel do todo, ou seja, permite orientar a leitura dos textos do poeta de acordo com temas que sempre retornam e, o que é ainda mais importante, possibilita colocar em diálogo poemas de obras e de épocas distintas.

Desse modo, Drummond divide sua poesia em nove conjuntos temáticos. O primeiro diz respeito ao **indivíduo**, ou seja, são aqueles poemas que trazem um questionamento da personalidade, da identidade e do que significa ser alguém, seja de modo isolado, seja dentro de sua coletividade, o homem relacionado à comunidade. Em seguida, vem outro tema extremamente importante para a poesia drummondiana: a **terra natal**, representada especialmente pela relação do poeta com a cidade de Itabira, mas também explorada no que diz respeito à sua ligação com Minas Gerais e, em última instância, relacionada à sua condição de brasileiro e ao questionamento sobre o que isso representava. O terceiro tema é a **família**, presente nos poemas que exploram as relações de ascendência e descendência do poeta, assunto que acaba se cruzando com o anterior. A seguir, o tema escolhido é o da **amizade**, tão significativo para os artistas modernistas, para os quais as relações de amizade foram um meio de difundir ideias e de se juntar aos seus pares a fim de combater a arte passadista. Em quinto lugar, está o **choque social**, isto é, poemas em que o mundo e suas justiça e injustiças estejam em questão. O sexto tema diz respeito ao **amor**, assunto mais do que frequente em toda a literatura, mas que em Drummond vai encontrar um olhar não convencional, distante de sentimentalismos. A **metalinguagem** e a reflexão sobre a própria poesia e sobre a literatura vêm em sétimo lugar, estando também presentes em toda a obra do poeta; esta também é uma temática muito cara aos

modernistas, visto que um movimento que propõe uma nova linguagem, uma nova forma de escrever o mundo, em geral dedica muito tempo refletindo sobre essas novas formas. Não muito distante do anterior, o penúltimo tema diz respeito aos exercícios lúdicos, isto é, aos **jogos com a linguagem**, que estão ligados diretamente à experimentação linguística e ao confronto do fazer poético com seus limites. Finalmente, o poeta termina sua seleção através dos poemas que coloca na categoria “**uma visão, ou tentativa de [visão], da existência**”, ou seja, poemas que investigam o que significa estar no mundo, temática que pode ser facilmente associada àquela do indivíduo. De posse dessa divisão, bastante interpretativa, é possível ler praticamente toda a obra drummondiana. É lógico, e o próprio poeta previu isso, que existem poemas que se enquadram em mais de uma seção, ou mesmo que uma pessoa o veja dentro de um tema e outra pessoa dentro de outro, o que não anula essa e nenhuma outra forma de ler os poemas de Drummond.





Aspectos gerais da obra analisada

O livro *Alguma poesia* dá espaço privilegiado para algumas dessas facetas temáticas definidas por Drummond. Escrito ainda em um período de intensas manifestações do Modernismo no Brasil, o livro oferece, em alguns de seus poemas, exemplos daquilo que há de mais característico nesse movimento. Pode-se ver em poemas como “No meio do caminho” e no “Poema de sete faces” um indivíduo que se questiona, que busca descobrir quem é, especialmente porque se encontra em um mundo muito mais complexo que o do passado. Há um questionamento de si, mas também da existência e do mundo à sua volta. O poeta o faz empregando o verso livre, quase sempre sem metro ou rima, ainda que não prescindia do ritmo da palavra, fundamental para o fazer poético. A presença do obstáculo é símbolo constante na poesia de Drummond. O espírito modernista

comparece em *Alguma poesia*, igualmente, através do emprego da metalinguagem, em poemas como “Poema que aconteceu”, que vão colocar em cena a própria escrita da poesia, e ainda através do recurso a jogos com a linguagem, como nos poemas “Cota zero” e “Anedota búlgara”, nos quais existe, além disso, um forte apelo ao humor e à ironia. Também humorados e irônicos, nada convencionais, são os poemas em que Drummond trata do amor, como ocorre em “Toada do amor”, “Sentimental” e “Quadrilha”. Trata-se de um amor prático, sem idealizações, cheio de desencontros e das decepções do mundo moderno. Finalmente, talvez não tão fortemente alinhados a temáticas próprias do Modernismo, mas lançando mão, sem dúvida, de uma linguagem própria de textos de vanguarda, poemas como “Infância” e “Cidadezinha qualquer” trazem o tema da memória, ligado à terra natal ou à família.



O poeta, o indivíduo e a existência

O poema que abre *Alguma poesia* é o célebre “Poema de sete faces”. Nele, e o título não poderia ser mais claro, encontramos sete estrofes que, a princípio, não parecem conectadas, mas que, lidas em conjunto, podem constituir sete diferentes aspectos de um indivíduo, um ser de identidade retorcida e difusa, típico da contemporaneidade. A comparação clássica com a representação desse ente dos tempos modernos é com uma pintura cubista, que também decompõe o ser ou o objeto retratado em partes para que o olhar do observador recomponha o todo.

Quando nasci, um anjo torto

[...]

disse: *Vai, Carlos! ser gauche na vida.*


Observação:

O cubismo é um movimento artístico que surgiu no começo do século XX (a partir de 1907). Os artistas cubistas representam seus objetos e modelos decompondo-os em formas geométricas. Não existe mais perspectiva em suas obras. Por exemplo, ao pintar um rosto de frente, o nariz é representado de perfil, e não de frente, e com sombras que dão a impressão de volume e de profundidade, como se fazia tradicionalmente até então. Tudo é plano. Assim, os cubistas recusam a ideia de arte como imitação da natureza, afastando noções como perspectiva e modelagem, bem como qualquer tipo de efeito ilusório. Alguns grandes artistas cubistas foram Pablo Picasso (1881-1973), Georges Braque (1882-1963), Juan Gris (1887-1927) e Fernand Léger (1881-1955). *Les Femmes d'Alger*, de Pablo Picasso, é a primeira obra cubista. No Brasil, influências do cubismo podem ser observadas em parte dos artistas reunidos no Modernismo de 1922, em alguns trabalhos de Vicente do Rego Monteiro, Antonio Gomide e, sobretudo, na obra de Tarsila do Amaral.

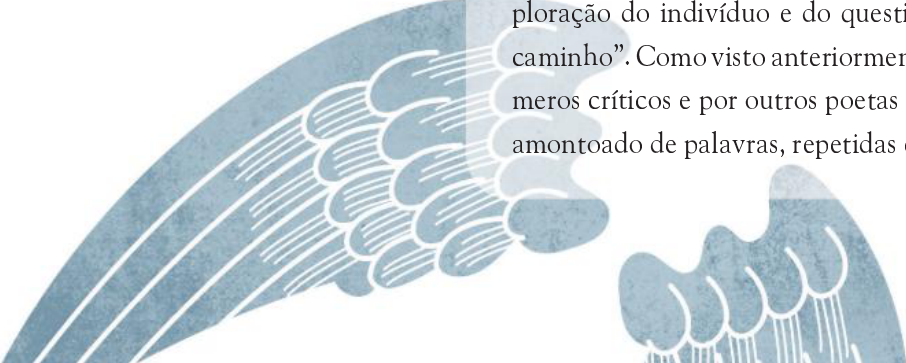
Glossário

- **Gauche:** palavra francesa que quer dizer “esquerdo” e, por extensão, “torto”, “desajeitado”.





A primeira estrofe, ou face, apresenta-nos uma imagem de poeta *gauche*, ou seja, desajeitado e pouco adaptado ao mundo. Se antes o poeta, em geral, era um ser genial, um espectador privilegiado do mundo, na modernidade ele passa a estar em desajuste com a vida e com aquilo que o rodeia, graças à sugestão de um pobre “anjo torto”, não de uma grande divindade. Todavia, a voz que fala no poema não busca nos comover através da revelação desse estatuto atrapalhado, mas olha para si mesma com certa ironia. A segunda estrofe do poema descreve uma cena que transcorre, aparentemente, na rua em um instantâneo momento de desejo, da busca amorosa constante. Há metonímia quando Drummond diz que as casas estariam observando os homens, espiando-os, sugerindo que essa perseguição do objeto amado não escapa aos olhares da sociedade. Na terceira estrofe, segue-se uma face que continua esse deslumbramento, bastante erótico, diante do mundo. Ao descrever a simples contemplação de pernas em um bonde, o poeta cria sensações capazes de perturbar o olhar e o sentir, que se colocam em desacordo. No verso em que Drummond nos apresenta as cores das pernas no bonde, percebe-se que a ausência de vírgulas para separar essas cores foi utilizada como recurso expressivo, a fim de indicar justamente a aglomeração de pernas evidenciada nessa estrofe: são tantas e misturadas que não é possível distingui-las/separá-las umas das outras. A quarta estrofe – quarta face – expõe o confronto com a alteridade, com um “outro” que é semelhante ao “eu”. Já a face seguinte trata do indivíduo sentindo-se abandonado pela divindade, algo muito recorrente na contemporaneidade, uma época em que valores e crenças tradicionais estão em crise. O texto de Drummond retoma o texto bíblico de Mateus 27:46 e de Marcos 15:34, quando Jesus clama aos céus: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”. A penúltima face também trata do espanto diante do mundo, representado em sua vastidão e no desamparo do ser humano diante dele. Além disso, pela menção à rima, aparece ainda a ideia de que a forma tradicional de se fazer poesia é algo superficial, não representa necessariamente uma solução para os questionamentos da vida, vistos como algo mais profundo e transcendental. Finalmente, a derradeira face parece se justificar do caráter extremamente confessional das faces anteriores, atribuindo qualquer exagero ao deslumbramento com a lua ou ao excesso de bebida.

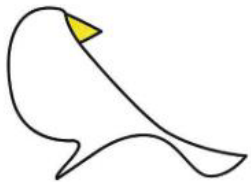


Outro texto célebre que poderia ser incluído nas temáticas de exploração do indivíduo e do questionamento da existência é “No meio do caminho”. Como visto anteriormente, Drummond foi ridicularizado por inúmeros críticos e por outros poetas por causa desse poema. Para eles, aquele amontoado de palavras, repetidas em demasia, sem pontuação “adequada”,

em que se usava “tinha” no lugar de “havia”, sem rima, sem metro, poderia ser tudo, menos poesia. No entanto, esse mesmo poema coloca a poesia modernista em diálogo com dois textos clássicos. Em primeiro lugar, retoma o primeiro verso do “Inferno”, de *A divina comédia*, poema do italiano Dante Alighieri (1265-1321): “*Nel mezzo del cammin di nostra vita*” (“No meio do caminho da nossa vida”). Não bastasse, retoma também um poema clássico da literatura brasileira, um soneto de Olavo Bilac (1865-1918), citando aquele que é considerado provavelmente o melhor poema do melhor poeta parnasiano brasileiro. O texto de Bilac, que tem o verso de Dante como título, é muito conhecido pelo seu primeiro quarteto: “Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada/E triste, e triste e fatigado eu vinha./Tinhas a alma de sonhos povoada,/E a alma povoada de sonhos eu tinha...”. É possível ver que a repetição, a utilização desse efeito de “vai e vem”, já está presente nos versos de Bilac, mas, como era de se esperar, não há “brincadeira”, tudo é feito dentro dos limites do racional e do que se considera tradicionalmente como de bom gosto. Esse jogo com a tradição literária, o ar de galhofa no tratamento da tradição, a irreverência de ousar um texto tão subversivo são claros índices da influência das vanguardas no universo poético drummondiano. Além disso, esse poema de Drummond trata da presença constante do obstáculo, em que a repetição de “tinha uma pedra” ocorre antes e depois de “no meio do caminho”; assim, se ele se trata justamente de um texto de visão ou de tentativa de visão da existência, a conclusão pode ser de que a barreira, o empecilho, interpõe-se ao indivíduo e que não há escapatória ou passo atrás que possa ser dado, resta apenas o obstáculo.

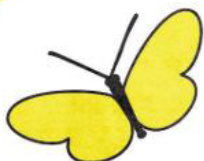
Vanguarda, metalinguagem e ludicidade

A piada, a leveza, o coloquial e o cotidiano foram elementos extremamente valorizados pelos modernistas de 1922. Drummond, em seu livro de estreia, apresenta algumas composições em que foram executados à risca todos esses procedimentos e ideais. É o caso, por exemplo, de “Cota zero”, poema que se enquadra naquilo que os modernistas chamariam de “poema-pílula”, ou seja, um poema mínimo, que se restringe ao essencial, à comunicação da mensagem, levando, assim, a linguagem a seu limite. Em apenas três versos, com somente oito palavras, o poeta é capaz de fazer uma crítica à sociedade moderna, que se tornava pouco a pouco dependente em demasia das máquinas. Assim, quando há uma parada repentina no curso da existência, torna-se necessário averiguar se foi realmente a vida que cessou ou se há essa sensação porque cessou alguma das máquinas de que a vida passou a depender.



Glossário

- **Czar:** título que se dava ao imperador da Rússia entre 1547 e a revolução bolchevista de 1917 e que, durante a Idade Média, foi igualmente usado pelos soberanos búlgaros e sérvios.



Outro tipo de poema bastante inovador modernista, igualmente presente no livro de Drummond, foi o poema-piada, tipo de texto em geral curto e que se destaca por apresentar uma visão bem-humorada, mesmo irônica, de uma situação ou problema, como é o caso de “Anedota búlgara”.

A piada normalmente produz o riso pela quebra da expectativa. Dessa forma, quando se tem a historieta de um czar sanguinário que caçava seres humanos, não se espera que haja muito mais capaz de horrorizá-lo, especialmente a informação de que havia pessoas que caçavam aves e insetos – em teoria, estes teriam suas vidas menos valorizadas que a de seres humanos. A jocosidade, todavia, não deixa escapar a denúncia, isto é, pode-se pensar que o poema faz uma crítica àqueles homens que, muito poderosos, não se importam de jogar com vidas humanas, mesmo que guardem a aparência de se sensibilizarem com as pequenas coisas do mundo.

Ainda em consonância com a estreita relação do Modernismo com a inovação da linguagem, muitos dos poemas de *Alguma poesia* vão tocar diretamente na questão da própria composição. Em “Poema que aconteceu” (principalmente em sua estrofe final), o momento de escrita, que tradicionalmente era visto como um momento sagrado, de inspiração quase divina, é representado como um instante quase banal. A mão que realiza o ato de escrever nem ao menos se dá conta do que faz e, mesmo que soubesse, não atribuiria qualquer valor especial a esse gesto. A criação perde seu caráter sacrossanto para ser algo pertencente ao dia a dia, e o poeta não é mais um ser genial, escolhido, mas sim um escriba do mundo à sua volta, que registra o exterior sem que seu corpo tenha que sofrer intimamente com isso.

O poeta e o amor

O tema do amor em Carlos Drummond de Andrade é tratado, na maioria das vezes, de modo nada idealizado, com foco no desencanto e no desencontro amoroso. Essa peculiaridade é assumida como parte de sua natureza, quando o poeta escreve que o amor “briga perdoa perdoa briga”. A relação amorosa é aceita em sua inconstância, em sua eterna mutabilidade. Até mesmo a pontuação é abandonada para mostrar o quão rapidamente os amantes passam de brigas a perdões. O amor aqui não é idealizado, inefável, sagrado, é um elemento da vida, que equivale a qualquer outro. Em outro momento do poema, o amor se iguala a outras coisas comuns do mundo: a um cão, a um bandido, a um trem.

No poema intitulado “Sentimental” é possível encontrar essa mesma concepção do envolvimento amoroso como algo corriqueiro, extremamente prosaico, uma vez que o eu lírico se propõe a escrever o nome da pessoa amada com letras feitas de macarrão, enquanto as pessoas sentadas à mesa

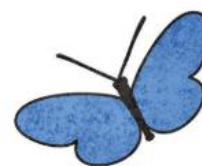
“contemplam esse romântico trabalho”. O adjetivo “romântico” aqui é tomado apenas em sua acepção usada para caracterizar aquilo que se liga ao amor, que é próprio dele, e não mais aquilo que se relaciona ao Romantismo e às suas concepções idealizadas de amor, muito até pelo contrário.

Ainda no campo do desencontro amoroso, é possível citar o poema “Quadrilha”, que, na verdade, caberia em diversos temas da obra drummondiana. Nele, encontra-se uma verdadeira dança de amores não correspondidos, e é justamente daí que vem o seu título, uma dança em que os casais se alternam. Todos os amantes são apresentados apenas pelo primeiro nome, exceto por aquele que aparece apenas no final, J. Pinto Fernandes, cujo nome faz pensar em uma apresentação profissional, no nome de uma empresa. Todos aqueles que têm nomes simples estão relacionados a “amar”, ao passo que J. Pinto Fernandes liga-se a “casar”. Assim, além do desencontro amoroso, há no poema a oposição entre íntimo e impessoal, correspondendo o primeiro ao amor, e o segundo ao casamento, isto é, a união verdadeira, que seria a amorosa, não corresponde à união civil, tratando-se de uma constatação marcadamente questionadora das convenções sociais. No texto, Lili, a única “que não amava ninguém”, é exatamente aquela que casou, mostrando que o desencontro se estende ainda à não correspondência entre amor e casamento.

Memória, família e lar

Na poesia de Drummond, há um amplo espaço para a memória. Em *Alguma poesia*, essa memória vai buscar o mundo de sua infância, suas origens, sua família e sua terra natal. O mais nítido exemplo dessa busca é também um dos poemas mais conhecidos da coletânea, “Infância”. Nele, há a construção de uma cena rural quase bucólica, em que cada membro da família desempenha, muito calmamente, uma função. A surpresa é guardada para a última estrofe, em que toda essa simplicidade, esse cotidiano quase banal, é considerado pelo poeta como algo mais rico que a mais clássica das narrativas de aventura, a de *Robinson Crusóé*. A cena de um ambiente tranquilo, repousante, ecoa em outro poema do livro, intitulado “Cidadezinha qualquer”.

Nesse poema, a sucessão de elementos também constrói uma cena poética, cotidiana, de um lugar que poderia ser qualquer pequena cidade, de qualquer estado brasileiro, como muito bem sugere seu título. A questão nesse texto é a falta de inquietação do interior em contraste com o fervor das cidades, cada vez maiores e mais importantes no século XX. A tirada final do poema, marcada por uma exclamação ao estilo do falar mineiro, traz a perplexidade diante da vida rural, frequentemente inferiorizada pelos modernistas em favor da vida urbana.



Glossário

- **Robinson Crusóé:** romance escrito por Daniel Defoe (1660-1731) e publicado originalmente em 1719, no Reino Unido. A obra é a autobiografia fictícia do personagem-título, um náufrago que passou 28 anos em uma remota ilha tropical, encontrando canibais, cativos e revoltosos antes de ser resgatado.

QUESTÕES

1. Fuvest Refere-se corretamente a *Alguma Poesia*, de Drummond, a seguinte afirmação:

- A) A imagem do poeta como “gauche” revela a sua militância na poesia engajada e participante, de esquerda.
- B) As oposições sujeito-mundo e província-metrópole são fundamentais em vários poemas.
- C) A filiação modernista do livro liberou o poeta das preocupações com a elaboração formal dos poemas.
- D) O livro não contém textos metalinguísticos, o que caracteriza a primeira fase do autor.
- E) A ironia e o humor evitam que o eu lírico se distancie ou se isole, proporcionando-lhe a comunhão com o mundo exterior.

2. Fuvest

POLÍTICA LITERÁRIA

*O poeta municipal
discute com o poeta estadual
qual deles é capaz de bater o poeta federal.*

*Enquanto isso o poeta federal
tira ouro do nariz.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Alguma Poesia*)

ANEDOTA BÚLGARA

*Era uma vez um czar naturalista
que caçava homens.
Quando lhe disseram que também se caçam borboletas
[e andorinhas,
ficou muito espantado
e achou uma barbaridade.*

(Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia*)

Costuma-se reconhecer que estes poemas, pertencentes ao Modernismo, apresentam aspectos característicos do “poema-piada”, modalidade bastante praticada nesse período literário.

a) Identifique um recurso de estilo tipicamente modernista que esteja presente em ambos os poemas. Explique-o sucintamente.

b) Considere a seguinte afirmação:

O poema-piada visa a um humorismo instantâneo e, por isso, esgota-se em si mesmo, não indo além desse objetivo imediato.

A afirmação aplica-se aos poemas aqui reproduzidos? Justifique brevemente sua resposta.

3. UPF 2014 Leia as seguintes afirmações sobre Carlos Drummond de Andrade.

- I. Em seus poemas, há lugar para o lirismo e o sentimentalismo, mas não para o humor e a ironia.
- II. Na obra *Alguma poesia*, há poemas em que as descrições são espelhos da vida cotidiana que, por vezes, assumem a condição de símbolo.
- III. Desde sua estreia, com *Alguma poesia*, o escritor se afirmou como poeta moderno por valorizar o prosaico e o irônico.

Está **correto** apenas o que se afirma em:

- A) I.
- B) II.
- C) I e III.
- D) I e II.
- E) II e III.

4. IFSP 2011 A Semana de Arte Moderna de 1922 trouxe, como importante consequência para a sociedade,

- A) o desprezo pelos movimentos de vanguarda, a exemplo do Cubismo e do Expressionismo, pois os ideais propostos não correspondiam à realidade brasileira.
- B) a preferência por temas ligados a fatos históricos consagrados, narrados de forma idealizada e em total obediência às exigências da língua-padrão.
- C) o estabelecimento de regras rígidas e definidas para a criação poética e para a narrativa, agrupando, dessa forma, as diferentes correntes artísticas daquele momento.

- D** a percepção de que os modelos artísticos europeus deveriam ser substituídos pelos dos EUA, já que esse país despontava como nação líder.
- E** a conscientização dos brasileiros sobre a riquíssima cultura de nosso país, sobretudo a popular, que até então era discriminada pelas elites.

5. Fuvest

QUERO ME CASAR

*Quero me casar
na noite na rua
no mar ou no céu
quero me casar.*

*Procuo uma noiva
loura morena
preta ou azul
uma noiva verde
uma noiva no ar
como um passarinho.*

*Depressa, que o amor
não pode esperar!*

(Carlos Drummond de Andrade, *Alguma poesia*)

- a) Caracterize brevemente a concepção de amor presente neste poema.
- b) Compare essa concepção de amor com a que predominava na literatura do Romantismo.

6. EsPCEx 2018

Leia as afirmações abaixo sobre Carlos Drummond de Andrade:

- I. Preferiu não participar da Semana de Arte Moderna, mas enviou seu famoso poema “Os Sapos”, que, lido por Ronald de Carvalho, tumultuou o Teatro Municipal.
- II. Sua fase “gauche” caracterizou-se pelo pessimismo, pelo individualismo, pelo isolamento e pela reflexão existencial. A obra mais importante foi o “Poema de Sete Faces”.

- III. Na fase social, o eu lírico manifesta interesse pelo seu tempo e pelos problemas cotidianos, buscando a solidariedade diante das frustrações e das esperanças humanas.
- IV. A última fase foi marcada pela poesia intimista, de orientação simbolista, prezando o espiritualismo e o orientalismo e a musicalidade, traços que podem ser notados no poema “O motivo da Rosa”.

Estão corretas as afirmações

- A** I, II e III. **C** II e III. **E** III e IV.
B II, III e IV. **D** II e IV.

7. UFPR 2012

A ambição do grupo [modernista] era grande: educar o Brasil, curá-lo do analfabetismo letrado, e, sobretudo, pesquisar uma maneira nova de expressão, compatível com o tempo do cinema, do telégrafo sem fio, das travessias aéreas intercontinentais.

(Boaventura, M. E. A Semana de Arte Moderna e a Crítica Contemporânea: vanguarda e modernidade nas artes brasileiras. Conferência – IEL-Unicamp, 2005, p.5-6. Fonte: <http://www.iar.unicamp.br/dap/vanguarda/artigos.html>).

Conforme o trecho acima e os conhecimentos sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 e o modernismo brasileiro subsequente, é correto afirmar:

- A** A Semana de 1922 marcou o modernismo inspirado em vanguardas europeias, buscando uma nova arte com uma identidade brasileira experimental, miscigenada, antropofágica e cosmopolita. O movimento celebrava o progresso da nação, simbolizado pelo desenvolvimento da cidade de São Paulo.
- B** A Semana foi o grande marco da arte moderna brasileira, caracterizando-se pela busca por uma imitação do surrealismo e do cubismo, realizada por acadêmicos em constante contato com os artistas europeus.
- C** A Semana de 1922 somou-se ao regionalismo nordestino para mostrar as raízes da cultura brasileira, recusando qualquer interferência da arte estrangeira. Os modernistas fizeram, com isso, uma forte crítica à modernização e à alfabetização brasileira.

- D** Monteiro Lobato e Mário de Andrade lideraram a Semana de 1922, que teve o intuito de aliar as produções mais recentes no campo da música, literatura e artes plásticas futuristas com as obras tradicionalistas da arte brasileira.
- E** Os modernistas passaram a se organizar, depois da Semana de 1922, para efetivar uma arte revolucionária nos moldes do realismo soviético, pois acreditavam na conscientização da população para uma mudança no poder.

8. Fuvest

Chega!

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos.

Minha boca procura a “Canção do Exílio”.

Como era mesmo a “Canção do Exílio”?

Eu tão esquecido de minha terra ...

Ai terra que tem palmeiras

onde canta o sabiá!

(Carlos Drummond de Andrade, “Europa, França e Bahia”, *Alguma Poesia*)

Neste excerto, a citação e a presença de trechos constituem um caso de

Os espaços pontilhados da frase acima deverão ser preenchidos, respectivamente, com o que está em:

- A** do famoso poema de Álvares de Azevedo / discurso indireto.
- B** da conhecida canção de Noel Rosa / paródia.
- C** do célebre poema de Gonçalves Dias / intertextualidade.
- D** da célebre composição de Villa-Lobos / ironia.
- E** do famoso poema de Mário de Andrade / metalinguagem.

9. UFPE 2015

ANEDOTA BÚLGARA

Era uma vez um czar naturalista

Que caçava homem.

Quando lhe disseram que também se caçam borboletas
[e andorinhas,

ficou muito espantado

e achou uma barbaridade.

(Carlos Drummond de Andrade. *Poesia completa e prosa. Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1973, p. 71).

O poema de Drummond poderia ilustrar um comentário jornalístico que tivesse como **tema central**:

- A** Os episódios das descobertas mais recentes que resultaram da pesquisa científica em Biologia.
- B** As condições ecológicas que propiciam o surgimento de novas espécies de animais de pequeno porte.
- C** A discriminação sofrida pelo gênero feminino mesmo em sociedades democráticas.
- D** Os níveis intoleráveis de violência a que pode chegar a incoerência humana.
- E** Os riscos que a prática da caça pode trazer à preservação da fauna nacional.

10. AFA 2020

POESIA

Gastei a manhã inteira pensando um verso

que a pena não quer escrever.

No entanto ele está cá dentro

inquieta, vivo.

Ele está cá dentro

e não quer sair.

Mas a poesia deste momento

inunda minha vida inteira.

(ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 45.)

Assinale a alternativa INCORRETA referente ao texto “Poesia”.

- A** “No entanto”, no terceiro verso, e “Mas”, no penúltimo verso, têm sentido adversativo; reforçam a luta do poeta com as palavras.
- B** No segundo verso, “que a pena não quer escrever”, a forma verbal apropriada, para o racionalismo que o poema defende, seria “quis escrever”.
- C** O poema fala da própria busca da poesia. Trata-se de um texto metalinguístico.
- D** Em “inunda minha vida inteira” há um exagero verbal, que recebe o nome de hipérbole; o exagero nasce do contentamento do eu-lírico.

GABARITO

1. B

Alternativa A: incorreta. O fato de se representar como *gauche* está relacionado a questões de foro íntimo, não tendo quaisquer relações com engajamento político.

Alternativa C: incorreta. Não se deve confundir o uso de formas fixas com elaboração formal; via de regra todo texto, mesmo de modernista, é bem elaborado formalmente.

Alternativa D: incorreta. Há inúmeros textos metalinguísticos na obra.

Alternativa E: incorreta. O poeta recorre ao humor e à ironia, especialmente, para expressar seu descompasso com o mundo exterior.

2. a) Ambos os poemas são compostos em versos livres, pois não obedecem às convenções da métrica tradicional, isossilábica (isto é, na qual os versos “medem” o mesmo número de sílabas). Em ambos os poemas, o registro de linguagem é coloquial, ou seja, próprio da conversação, despido dos traços retóricos que caracterizam o discurso de registro formal, típico da tradição literária da qual o Modernismo procurava afastar-se. Em ambos os poemas, o humor (outro ingrediente de predileção modernista) é essencial ao efeito crítico e não compromete sua gravidade.
- b) Nos dois poemas, o humorismo é instrumento de crítica, de “crítica de vida”: em “Política literária”, trata-se da vida cultural, suas relações com o poder e suas hierarquias espúrias; em “Anedota búlgara”, trata-se da opressão política.

3. E

Afirmção I: incorreta. Nos poemas de Drummond, não cabiam sentimentalismos, que é um exagero da forma. Contudo, muitos de seus poemas tinham forte carga de humor e ironia.

Afirmção II: correta. Em *Alguma poesia*, Drummond retrata muito da infância, da vida familiar, do trabalhador, trata da memória e da passagem do tempo, como um espelho que reflete o cotidiano de um brasileiro comum. Afirmção III: correta. A ideia de valorizar o prosaico, mostrar poesia no aparentemente banal, faz parte da proposta estética modernista.

4. E

A Semana de Arte Moderna assinalou uma verdadeira renovação da linguagem: na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado, no uso de novas linguagens desprovidas de regras, na defesa de ideias radicais e anárquicas, na expressão de um nacionalismo autêntico que valorizava o primitivo e o popular, enfim, em busca de uma identidade própria e de uma maneira mais livre de expressão.

5. a) O poeta, no poema em questão, deseja encontrar a qualquer custo um objeto de amor, de concretização de seu desejo. Para isso, aceita qualquer tipo de noiva, sem se deter em um retrato ideal de como ela seria. Idealiza-se a existência de uma união, mas não os elementos nela presentes.
- b) No Romantismo, a figura da mulher é extremamente idealizada, ela deve ser perfeita, harmônica e de beleza absoluta. Diferentemente disso, no Modernismo, não há espaço para idealização, o amor é visto como acontecimento corriqueiro e comum da vida, está sujeito ao acaso e ao destino.

6. C

Afirmção I: incorreta. Drummond, de fato, não participou da Semana de Arte Moderna, mas o poema aludido é de Manuel Bandeira.

Afirmção II: correta. Como “gauche”, Drummond expõe o eu lírico que não consegue se adaptar às vicissitudes sociais, logo a necessidade de utilizar máscaras (“Poema de sete faces”) é uma temática constante em sua poesia dessa fase.

Afirmção III: correta. A vertente social de Drummond foi extremamente influenciada pelo contexto de ditadura no Brasil e Segunda Guerra Mundial. Sua poesia evoca sentimentos como medo e necessidade de resistência dos seus contemporâneos.

Afirmção IV: incorreta. A última fase da poesia de Drummond é nomeada memorialista; as informações apresentadas, assim como o poema, dizem respeito à Cecília Meireles.

7. A

Alternativa B: incorreta. A Semana de 22 foi organizada por um grupo de artistas que se opunha à arte conservadora das estéticas anteriores. A nova intelectualidade brasileira criticava o academicismo, desconhecedor e distante dos movimentos artísticos das vanguardas europeias que começavam a chegar ao Brasil, principalmente o futurismo. No entanto, esses artistas não buscavam imitar os movimentos de vanguarda europeus – ou qualquer outros traços de cultura “do outro” –, mas sim buscar o que há de melhor neles e transfigurá-los, conferindo-lhes caráter nacional.

Alternativa C: incorreta. Os modernistas pretendiam reconstruir a cultura brasileira sobre bases nacionais, através de uma revisão crítica da história e das tradições culturais do país para valorizar o primitivo e o natural, ao mesmo tempo que reconheciam a importância da tecnologia em uma nova sociedade industrializada.

Alternativa D: incorreta. Monteiro Lobato era avesso às novas concepções artísticas das vanguardas europeias, tecendo severas críticas à exposição de Anita Malfatti, cujas pinturas demonstravam influências do cubismo, expressionismo e futurismo.

Alternativa E: incorreta. O objetivo dos modernistas não era ideológico nem político; eles pretendiam renovar o ambiente artístico e cultural da cidade à luz do que vinha acontecendo na Europa e começava a chegar ao Brasil.

8. C

“Canção do exílio” é um dos poemas mais famosos do poeta Gonçalves Dias, pertencente à primeira geração do Romantismo. Drummond trabalha o tema do saudosismo da terra natal (tão caro aos românticos) por meio de uma suave ironia (característica modernista), em uma clara intertextualidade ao texto de Gonçalves Dias.

9. D

Alternativa A: incorreta. Não se fala em descobertas científicas no poema.

Alternativa B: incorreta. Não se trata de animais ou de ecologia no texto.

Alternativa C: incorreta. Não é abordada a condição da mulher no texto em questão.

Alternativa E: incorreta. Os riscos da caça não são um assunto do poema.

10. B

Alternativa A: correta. As conjunções “mas” e “no entanto” são adversativas.

Alternativa B: incorreta. Não há defesa de racionalismo no poema. Pelo contrário, há subjetividade no texto, visto que as palavras ganham vida.

Alternativa C: correta. A função predominante do poema é a metalinguagem, pois se fala da construção de uma poesia enquanto ela é elaborada.

Alternativa D: correta. O verbo “inundar” resulta em hipérbole, exagero verbal.

AOL

Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

sistemapoliedro.com.br

São José dos Campos-SP
Telefone: 12 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br

